

Com quantas árvores se faz uma canoa para a COP28?¹

Claudio de Moraes²

Quantas árvores já foram cortadas na Amazônia nos últimos anos? E quantas foram replantadas? Será que nossa forma de viver e de demandar recursos tem associação com essa trágica situação? Ailton Krenak, um dos grandes pensadores contemporâneos das questões ambientais, alerta que “Estamos comendo o mundo”. Neste sentido, quanto tempo temos para comer o mundo?

Para ter uma ideia dessa voracidade, no ano de 2022 foram quase 600 milhões de árvores cortadas na Amazônia, o que correspondeu a uma área desmatada de 11.568 km² de desmatamento. Essas estimativas foram extraídas do site <https://plenamata.eco/monitor/>. Para definir a relação entre a área desmatada e a quantidade de árvores derrubadas foi usada a metodologia publicada na revista Science.

A partir de dados extraídos do Prodes - Amazônia é possível fazer uma série temporal de área desmatada e, por conseguinte, o número de árvores abatidas. Vejam um exemplo, saber que houve uma significativa queda da área desmatada em 2023 tem o mesmo significado que - derrubamos “apenas” 278 milhões de árvores em 2023? Será que realmente temos motivos para comemorar em 2023? Acho que não!

Alguns comemoram a redução da área desmatada, mas deveríamos fazer um luto coletivo pelas árvores derrubadas. Isso é importante, pois a forma como a informação é apresentada altera o comportamento. E dada a gravidade da situação, precisamos ter informações precisas, pois os incentivos são produzidos por dados.

Os economistas estudam incentivos para entender como eles influenciam a tomada de decisões e, dessa forma, os resultados econômicos. O conceito de incentivos é uma parte fundamental da teoria econômica e é utilizado para

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em: [LINK](#)
Acessado em 01.09.2024

² professor e pesquisador do COPPEAD

analisar uma ampla gama de fenômenos econômicos, desde escolhas individuais até dinâmicas de mercado e políticas governamentais.

Economistas proeminentes, como Adam Smith, frequentemente considerado o pai da economia moderna, destacaram a importância do auto interesse e dos incentivos no comportamento econômico. No século XX, economistas como John Maynard Keynes, Milton Friedman e outros exploraram ainda mais o papel dos incentivos na formulação de políticas econômicas e resultados.

Se o incentivo tem um papel preponderante no comportamento humano, é de se esperar que tenhamos mudanças radicais de comportamento com base no que observamos recentemente. As temperaturas atingidas em várias partes do Brasil mostraram que não podemos mais procrastinar. Os impactos econômicos e sociais estão tão visíveis quanto uma tempestade que tem se seguido ao calor extremo. Mas será que vamos acelerar as mudanças necessárias?

Um dos principais obstáculos para ações significativas contra as mudanças climáticas são os vieses comportamentais apontados por pesquisadores como Richard Thaler. Muitas vezes, os incentivos econômicos que contribuem para a emissão de gases de efeito estufa são evidentes e imediatos, enquanto os incentivos para mitigar as mudanças climáticas podem ser menos tangíveis e de longo prazo. Empresas podem estar mais inclinadas a maximizar lucros no curto prazo, negligenciando os impactos ambientais negativos que não são facilmente percebidos.

O viés de ancoragem, também abordado por Thaler, desempenha um papel significativo. As sociedades muitas vezes estão ancoradas em modelos econômicos baseados em combustíveis fósseis e a transição para fontes de energia mais sustentáveis pode ser resistida devido à tendência humana de se apegar ao status quo.

Além disso, o otimismo irracional, uma área explorada por Daniel Kahneman em seu trabalho "Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar", pode ser outro entrave. Indivíduos e empresas podem subestimar os riscos associados às mudanças climáticas, concentrando-se excessivamente em benefícios imediatos ou subestimando os impactos de longo prazo.

O efeito manada também pode ser observado na relutância de algumas empresas e países em adotar medidas proativas. Quando outros parecem hesitar em adotar práticas sustentáveis devido a incentivos econômicos aparentemente desfavoráveis, há uma tendência de seguir essa inércia, mesmo que as ações coletivas sejam cruciais para enfrentar as mudanças climáticas.

Para superar esses desafios, é essencial reconhecer e abordar os vieses cognitivos que moldam a tomada de decisões econômicas em relação às mudanças climáticas. A criação de incentivos econômicos mais alinhados com a sustentabilidade, juntamente com a conscientização sobre os vieses cognitivos subjacentes, pode desempenhar um papel vital na promoção de ações mais

eficazes para mitigar os impactos das mudanças climáticas e transacionar para uma economia mais sustentável.

Porém, o grande problema é que tudo está se acelerando e precisamos de velocidade nas iniciativas individuais e coletivas. Precisamos de menos partidos de direita e esquerda, precisamos de partidos verdes. Precisamos de mais radicalismo ambiental no nosso dia a dia! Precisamos contar quantas árvores são plantadas e cortadas por dia, mês e ano!